

HEAVENLY BODIES



IMANI ERRIU

Corpos Celestiais

Corpos Celestiais 01

Imani Erriu

CORPOS CELESTIAL

Copyright © 2021 por Imani Erriu

Todos os direitos reservados.

Este livro é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais, é mera coincidência. Esta obra, ou qualquer parte dela, não pode ser reproduzida de qualquer forma, ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, ou usada de qualquer maneira, sem a permissão expressa por escrito do autor, exceto para uso de breves citações em resenhas de livros.

Design da capa por Lucy Melrose

Mapa de Lucy Melrose

Formatação por Imagine Ink Designs

*À minha irmã, Alessia, que cria mundos comigo desde que
éramos pequenas.*

Índice

[As estrelas](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

[Capítulo Quarenta e Seis](#)

[Capítulo Quarenta e Sete](#)

[Capítulo Quarenta e Oito](#)

[Capítulo Quarenta e Nove](#)

[Capítulo Cinquenta](#)

[Capítulo Cinquenta e Um](#)

[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Capítulo Cinquenta e Três](#)

[Capítulo Cinquenta e Quatro](#)

[Capítulo Cinquenta e Cinco](#)

[Capítulo Cinquenta e Seis](#)

[Capítulo Cinquenta e Sete](#)

[Epílogo](#)

[Reconhecimentos / Sobre o autor](#)

As estrelas

Ariete (*Ah-ree-ett*) – Estrela Padroeira de **Perses**

Deus da ira, da guerra, do caos e dos vulcões. Outros nomes; '*o tirano*'

Torra (*Tor-a*) Estrela Padroeira de **Afrodeia**

Deusa da luxúria, do encanto, dos prazeres terrenos e do adultério. Outros nomes; '*a sedutora*'

Gem e Eli (*Jem & Ee-lie*) – Estrelas Patronas de **Castor**

Deus dos enigmas, da astúcia e do conhecimento, Deusa do despeito e da malandragem.

Outros nomes; '*a língua prateada*'

Cancia (*Can-see-a*) - Estrela Padroeira de **Altalune**

Deusa da dor, das emoções e dos lagos. Outros nomes; '*a deusa chorosa*'

Leone (*Ley-on*) – Estrela Patrona de **Helios**

Deus do orgulho, das artes, da profecia e da Luz. Outros nomes; '*o reverenciado Senhor Luz*'

Verra (*Veh-ra*) - Estrela Padroeira do **Verde**

Deusa da fertilidade, do casamento e da decadência. Outros nomes '*a virgem*'

Lias (*mentira como*) – Estrela Padroeira da **Concórdia**

Deus de amor, justiça e mentiras. Outros nomes; '*a bela mentirosa*'

Scorpius (*Scorp-ee-us*) – Estrela Padroeira de **Netuna**

Deus da inveja, dos oceanos e dos venenos. Outros nomes '*o impiedoso*'

Sagittion (*Saj-i-ton*) - Estrela Patrona do **Kaos**

Deus do vinho, da loucura e do êxtase. Outros nomes; '*o folião*'

Capri (*Cap-ree*) – Estrela Patrona das **Areias do Pecador**

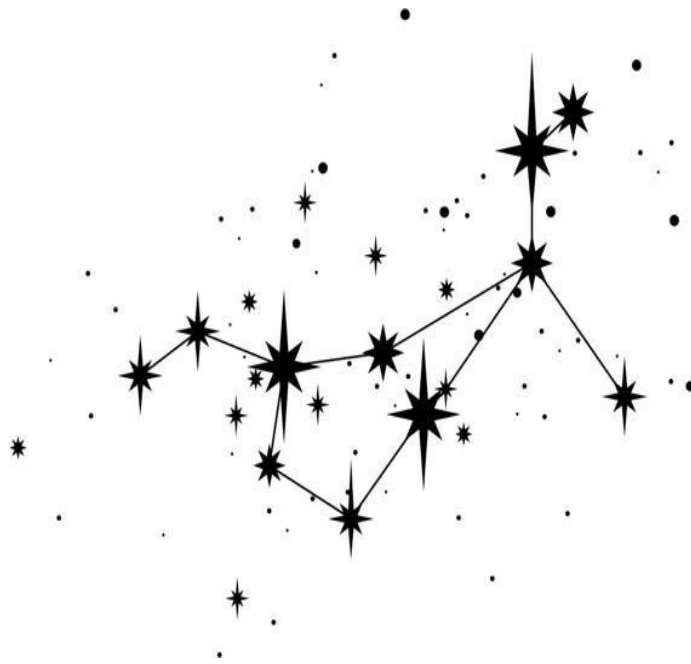
Deus da ganância, do dinheiro e dos comerciantes. Outros nomes '*o diabo*'

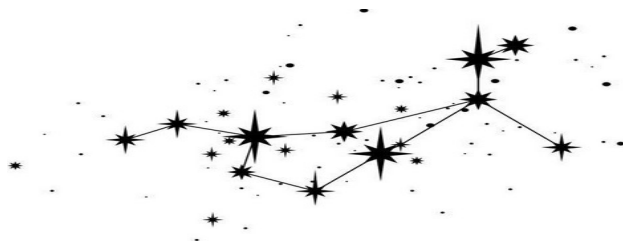
Aquaria (*Ah-quer-ee-a*) – Estrela Padroeira de **Sveta**

Deusa do infortúnio e do gelo. Outros nomes '*nossa abençoada Senhora*'

Piscea (*Pie-see-a*) - Estrela Padroeira de **Asteria**

Deusa do medo, dos pesadelos e das Trevas. Outros nomes '*a Deusa adormecida*'





Capítulo um

ELARA ERA CAPAZ DE percorrer sonhos desde que se lembrava. Alguns eram pesadelos sombrios e recortados, outros pintados com sorvete e cheios de nuvens, os devaneios dos inocentes. Depois vieram os sonhos marrons e monótonos do dia a dia e os sonhos proféticos perfumados com incenso, aqueles que os bem dotados previam.

Ela havia caído na paisagem onírica de um Helion. Ela sabia disso. As cores de seu sonho eram vivas e brilhantes, o ar seco e quente, tão diferente dos sonhos frios e escuros com os quais ela estava familiarizada. Ela viu um corpo forte e ágil empunhando uma espada, lutando contra alguma coisa. Mas quando ela se aproximou, ela viu que eram sombras que o cercavam, atacando-o, e ele estava ofegante por ajuda enquanto lentamente começavam a sufocá-lo.

Ela acordou assustada, a exaustão familiar em seus ossos era um sinal revelador de que ela estava andando novamente. Uma onda fria de pavor serpenteou em seu estômago enquanto o sono passava e a realidade se instalava. A carroça em que ela viajava bateu, sacudindo a capa que ela tentou se enrolar. E aí estava. A memória afundando suas garras nas entranhas de Elara, tristeza e medo passando por ela. Há um mês ela viajava pelo reino de Asteria. Uma viagem que deveria durar apenas alguns dias. Um mês ainda não era tempo suficiente para processar o que havia acontecido, por que ela estava nesta estrada menos percorrida. Seus ombros doíam de tensão, seus olhos estavam inchados de lágrimas, seu rosto estava sujo de terra. Ela não queria ficar muito tempo nas tavernas durante a viagem por medo de ser reconhecida. Elara fez bem em chegar até aqui, quanto mais fundo nas montanhas ela avançava, menor o risco de ser avistada. Só mais alguns dias, ela disse a si mesma, até poder cruzar a fronteira e respirar. Ela se recostou

na madeira frágil da carroça, concentrando-se no som da chuva no telhado de tecido, enquanto comia uma maçã descoberta no fundo do barril ao seu lado. *A vida glamorosa de um clandestino*, ela pensou secamente.

Ela teve a precaução de rabiscar uma carta ao Rei de Helios momentos antes de fugir, praticamente implorando por refúgio. Seus reinos foram rivais inquietos durante séculos, ambos disputando um cabo de guerra tático na fronteira que existia entre eles. Isto não foi ajudado pela constante rivalidade de sua magia, oposta em sua própria natureza. Ela nunca tinha colocado os pés fora de Asteria. A familiar vibração de borboletas percorreu seu estômago com a perspectiva de sua nova vida e o que isso poderia acarretar.

Ela sentiu o carrinho parar e o som de vozes lá fora.

“Merda”, ela sussurrou para si mesma, agachando-se atrás do barril de maçãs.

“Importa-se se revistarmos sua carroça, senhor?” Ela ouviu o forte sotaque das fronteiras de Asterian.

“Claro que não”, respondeu o motorista. “Não há nada lá além de frutas”, ele riu.

Elara ficou tensa, agachando-se. Ela tocou a adaga em sua cintura, a única arma que ela teve tempo de agarrar durante sua fuga desesperada. Ela ouviu a aba se abrir em seu esconderijo.

A luz fraca era filtrada em um carrinho vazio, exceto por maços de frutas. Os guardas olharam lentamente ao redor e depois, com uma batida forte na lateral da carroça, ela foi desligada novamente. O ar ondulou e Elara caiu no chão, respirando pesadamente. Ela raramente usava sua magia, a menos que fosse necessário. As ilusões sempre a esgotavam, o que significa que ela não seria capaz de lançar outra por alguns dias. Foi seu presente mais forte. Uma raridade, para uma Asteriana possuir todos os três dons, e sua mãe tentou de tudo para anulá-los. *Tinha tentado*, uma voz calma em sua cabeça a lembrou, e ela sentiu uma onda de tristeza cair novamente.

A magia mais comum de Asterian era o shadowmancing, a habilidade de manipular e controlar as sombras e as Trevas. Então iludir. Dreamwalking... isso era raro. Isso era tão natural para ela que, quando era mais nova, achava estranho que outros não pudessem fazer o mesmo, e tentava não notar os olhares de inveja que a seguiam aonde quer que fosse. Mas quanto mais velha ela ficava, mais difícil se tornava o controle, até que ela não tinha mais influência sobre as realidades em que entrava.

Outra sacudida e Elara foi novamente tirada de seu devaneio. Ela se acomodou contra as tábuas duras da lateral da carroça e se ocupou em acompanhar sua jornada. Fazendo um buraco irregular no tecido da capa com sua adaga, ela ficou deitada e observou seu mundo passar. À medida que o dia passava do cinza lilás da manhã até o anoitecer com toques de índigo, ela observou o templo da Estrela Piscea surgir diante dela. Eles estavam perto da fronteira do reino.

Um ressentimento familiar se apoderou de seu peito enquanto ela olhava para o templo. Sempre pareceu tão deslocado em Asteria, as colunas brancas como giz subindo alto no céu, linhas muito suaves e limpas. Era berrante e barulhento, e um lembrete constante do domínio das Estrelas em seu mundo. As paredes do templo foram incrustadas com silverstone, um cristal sagrado para a estrela padroeira de Asteria.

Quase não havia histórias sobre a Estrela, qualquer conhecimento sobre ela foi perdido ao longo do tempo enquanto as outras Estrelas caminhavam pelo mundo de Elara. Até seus poderes foram debatidos. Alguns diziam que ela governava as trevas, outros afirmavam que ela era a personificação do medo. Elara só se lembrava de uma história, que a manteve acordada durante semanas quando era uma menina, de como se alguém cruzasse Peixes, eles teriam seus piores pesadelos trazidos à vida, forçados a revivê-los repetidamente até morrerem como uma concha vazia e aterrorizada. de uma pessoa.

“A Deusa Adormecida”, eles a chamavam, alguém que não era vista há séculos. Alguém que não esteve presente quando Asteria precisou desesperadamente dela.

Um flash de imagens veio à sua mente: seus pais gritando, sangue prateado no chão de mármore e uma risada enlouquecida para combinar com os olhos vermelhos. Elara fechou os olhos contra as lembranças, concentrando-se em empurrar as emoções para baixo, para baixo, para baixo. Para baixo, como sua mãe lhe ensinou.

“Você sente demais, minha querida”, ela sussurrava para ela quando criança. “Você precisa aprender a enterrá-lo.” Uma respiração e as visões desapareceram.

Ela concentrou seu foco em sua adaga até que eles passaram pela têmpora, esfregando hesitantemente os cristais incrustados no punho. Lápis para sabedoria, com pequenas pedras de água-marinha para que ela sempre mirasse certamente. No centro havia um oval perolado de silverstone, para que ela sempre fosse guiada pela sua intuição. Espalhados pela fronteira havia labradorita brilhante para proteção. Ela acariciou a labradorita agora, rezando para algo lá fora pela proteção que ela tanto precisava agora.

Ela soube instintivamente quando chegaram à fronteira pela mudança na luz. Elara correu até o buraco que havia criado e ofegou. Do seu lado, uma fila de carroças e carroças transportando mercadorias importadas ladeava uma longa trilha em direção à fronteira. Asteria estava banhada em tons lilases, as estrelas acima brilhando para ela, um reflexo dos deuses que caminhavam entre o mundo deles e os céus. O céu parecia machucado, ela pensou, tons de safira acinzentada se misturando com lavanda e blush. Então, quase como um rasgo na atmosfera, surgiram os céus de Helios.

Ouro. Ouro polido, damasco e carmesim ondulando com calor e brilho. Ela estava deitada nas ripas ásperas do chão da carroça, com os olhos arregalados. Ela nunca tinha visto Helios antes e só tinha ouvido histórias de como os céus eram diferentes dos seus. As histórias não faziam justiça. Parecia que alguém havia espremido os raios da Luz e pintado os céus com eles. *A Luz*, ela pensou consigo mesma. O elemento exatamente oposto àquele que seu povo exercia. Ela ficou perto do buraco improvisado, seus olhos acompanhando as mudanças de cores e com isso, o novo começo a aguardava.

Ainda estavam a algumas horas de viagem da capital, Sol, e ao cruzarem a fronteira para Helios, Elara respirou profundamente pelo que pareceu ser a primeira vez em semanas. O ar parecia tão diferente. Perto e quente. Foi muito mais alto que Asteria também. A agitação dos motoristas indo para o mercado, o som das risadas das crianças e das lavadeiras fofoqueiras, tudo isso chegava até ela enquanto a carroça seguia para a cidade. Até cheirava diferente, o perfume de flores exóticas, especiarias perfumadas e roupa recém-lavada chegava até ela.

Ela já havia planejado como chegar ao palácio. A questão mais premente era como escapar da carroça sem ser notada e seguir sem ser descoberta pela extensa capital de Helios. Ela havia aprendido o suficiente em seus vinte e três anos sobre a configuração da terra de Celestia, mas esses vinte e três anos também foram passados confinada, nunca se aventurando fora de seu reino. Seus estudos de geografia só poderiam levá-la até certo ponto. Navegando em um país estrangeiro? Isso foi diferente.

Cambaleando com o carrinho desequilibrado, ela foi até a abertura. Seus olhos se estreitaram contra o brilho dourado deste novo lugar.

“Como vou me acostumar com isso?” ela murmurou para si mesma, protegendo o brilho com a mão. Pelos seus cálculos, eles estavam se aproximando do mercado, o que significava que ela teria que planejar sua fuga – e rápido.

Ela se agachou, preparando-se enquanto alcançava esperançosamente sua ilusão. Com uma respiração profunda, ela tentou extrair seu poder do núcleo para as pontas dos dedos, mas em vez disso sentiu o vazio frio e familiar. *Ainda esgotado*. Ela cerrou os dentes, xingando. De que adiantava ela possuir os Três se não pudesse usá-los em momentos de necessidade? Seus olhos se estreitaram, esperando o momento perfeito para a carroça diminuir a velocidade, e pulou.

Ela pousou com os pés firmes como um gato, correndo para as sombras de um beco virando para a esquerda. Lá ela parou, ajustando o capuz e a capa. Parecia pesado no calor do lugar. Ela olhou em volta alarmada. A roupa deveria fazê-la parecer discreta, mas os transeuntes estavam vestidos de linho, sem mangas e curtos. Ela não poderia ter parecido mais visível se tivesse tentado. Mas ela não podia arriscar ser reconhecida. Ela tinha que encontrar um caminho para o palácio. Ela se agarrou às paredes das ruas de paralelepípedos, os cheiros atacando seus sentidos. Ela podia distinguir especiarias e o forte cheiro de limão, tão diferente de tudo que ela sentia em casa. Ela saboreou por um momento, permitindo-se beber na cidade. Ela ouviu um grupo de bêbados atrás dela, barulhentos e cantando, e acelerou.

“Que senhora misteriosa temos aqui?” um gritou para seu amigo. Ela revirou os olhos e continuou, mantendo-se nas sombras.

“Você não sabe que é rude não responder?” outro gritou atrás dela. Ela ouviu seus passos se acelerarem e o pânico começou a tomar conta dela. Não era disso que ela precisava. Ela encontrou um corte e mergulhou nele, dando um suspiro de alívio. Reunindo seus sentidos, ela se virou. O fedor de álcool e suor azedo a saudou enquanto ela olhava para o rosto de um dos bêbados. Faltavam-lhe dentes e a camisa estava saliente nas costuras. A marca de um pirata rabiscado cobria a lateral de uma bochecha. Seu estômago embrulhou, dizendo que ela precisava ir *agora*.

“É rude ignorar um elogio, querido.” Ele deu um passo mais perto quando ela pegou a adaga sob a capa.

“É rude cheirar assim e abusar dos meus sentidos,” ela falou lentamente, convocando toda a bravata que conseguiu reunir.

Um sorriso de escárnio marcou seu rosto quando ele deu outro passo, gritando por cima do ombro. “Parece que temos um tagarela aqui, rapazes. Isto vai ser divertido.”

Ela suspirou, encostada na parede agora. “Vou lhe dar mais uma chance de ser um cavalheiro e ir embora”, disse ela, com um brilho de aço em seus olhos.

“Quem diabos você pensa que é?” ele rosnou, e ela ouviu o farfalhar de suas calças. Ela engoliu em seco, voltando à calma. *Não se pode ver claramente através de águas tempestuosas*, lembrou a si mesma.

“Putazinha intitulada,” ele cuspiu. Suas mãos manchadas de graxa puxaram o tecido da capa dela, abrindo-a. Seus lábios chegaram perto do pescoço dela. Perto o suficiente para que ela pudesse sentir o cheiro rançoso de seu hálito. Ele passou a língua podre pela garganta dela.

“Vou aproveitar isso.”

“Tudo bem,” ela suspirou. “Mas lembre-se que eu realmente não queria fazer isso.” Ele se dobrou ofegante quando ela lhe deu uma joelhada na virilha. Ela o seguiu com um chute rápido enquanto ele estava caído e sacou sua adaga, pressionando-a perto de sua garganta enquanto se inclinava sobre ele. Ele choramingou.

“Por favor.”

“Esse era o som que você queria que eu fizesse?” ela sussurrou. “Você gosta de atacar mulheres jovens e inocentes?” A adaga pressionou ainda mais contra sua pele inchada, arrancando gotas de sangue. Ele lutou debaixo dela.

“Vou aproveitar isso,” ela murmurou, inalando profundamente enquanto fechava os olhos. Ela sentiu sua ilusão novamente, cerrando os dentes enquanto se forçava a se levantar com pura vontade, os tentáculos negros de pesadelos que ela acreditava terem sido emprestados a ela por Piscea. Ela os atraiu para si, enchendo o homem diante dela com o terror palpável de seus medos mais profundos. Ela abriu os olhos, desejando que a magia dos pesadelos entrasse neles, desejando que suas sombras se estendessem e se distorcessem diante dele. Ela não sabia o que ele viu quando olhou para ela. Ela nunca fez isso com suas vítimas. Só que era um terror tão puro que o deixou imóvel. Ela sentiu o leve cheiro de amônia enquanto ele mijava nas calças.

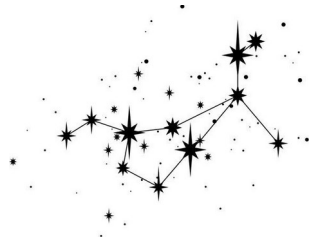
Um grito horripilante encheu o ar, e ela colocou a mão sobre a boca dele. Lágrimas escorriam por seu rosto enquanto ele tremia contra ela, rezando histericamente.

“Isto é para cada mulher que você atacou, cada garota que você abordou e tirou delas sem pedir permissão. Eu conheço o seu tipo. Eles rastejaram por todo o meu reino. E eu concedi o mesmo a eles.” Ela se inclinou, o cheiro de sangue, podridão e suor enchendo seus sentidos. “Eu dei vida aos seus piores medos. E se você ou seus homens tentarem intimidar qualquer mulher novamente, vocês orarão por esses pesadelos. Porque eles não serão *nada* comparados ao que farei com você.”

Seus olhos se arregalaram de terror quando ela saltou de cima dele e se virou. Ele estava de queixo caído, babando enquanto balançava para frente e para trás. Ela desligou sua magia com um piscar de olhos, ficando de pé. Os homens do estranho estavam parados horrorizados no beco e ela deu um sorriso frio ao passar por eles, limpando a adaga no interior da capa enquanto caminhava.

“Quem diabos é você?” um deles respirou, o terror afiado em seus olhos.

“Apenas uma putinha autorizada”, ela sorriu, e passou por eles pelo beco.



Capítulo dois

ELARA DESVIOU DE UM beco para outro e afundou contra uma parede, dobrando-se quando a fachada arrogante que ela invocara deixou seus membros fracos. Ela desejou que o tremor em suas mãos parasse, desejou que a sensação da língua podre do homem desaparecesse. Ela se encostou na parede até poder respirar fundo, e depois outra. A ilusão de medo que ela conjurou lhe custou caro, seus níveis de magia foram drenados até o fim. Ela estava perto de um esgotamento, ela podia sentir isso.

Com foco voluntário, ela se levantou, apoiando o braço contra a pedra branca e fria para se equilibrar. Ela piscou para afastar os pontos pretos atrás dos olhos e olhou para o céu. A Luz estava escurecendo para um bronze mais profundo e polido. Ela amaldiçoou baixinho. Já era tarde demais e ela tinha um compromisso a cumprir. Ela acelerou, voltando para as principais estradas da cidade. Eles estavam mais quietos agora à medida que o dia avançava. Sem dinheiro para comprar um cavalo, ela sabia que teria que percorrer o longo caminho até o palácio, mas lhe disseram que não poderia perdê-lo.

Ela seguiu pela estrada principal, seus chinelos de cetim imundos batendo suavemente sob ela enquanto ela tentava reprimir os acontecimentos da tarde. Ela podia sentir o suor escorrendo pelas costas e fantasiou com água fresca e refrescante. Fazia semanas que ela não tomava banho e não fazia uma refeição adequada, e ela se agarrou a esse pensamento quando chegou ao sopé da colina e ao acesso ao palácio.

Sua boca caiu de admiração pela estrutura que estava diante dela. As torres alcançavam as nuvens, mergulhadas em ouro e lançando reflexos brilhantes abaixo. Pilares pintados com cenas intrincadas das grandes Guerras Celestiais permaneceram fortes na abertura. Uma cachoeira que parecia abranger toda a largura do palácio, da cor do cobre e do bronze, descia atrás dela, emoldurando a cidadela, enquanto o rugido enchia seus ouvidos. Ela nunca tinha visto nada parecido. Com um salto no coração, ela livrou-se da exaustão e correu pela estrada sinuosa em direção à entrada, parando hesitante nos portões. Lá, dois leões esculpidos, cada um cinco vezes maior que Elara, guardavam os portões. As sentinelas pararam no meio do rugido e ela se viu estendendo a mão para tocar a pele dourada e ondulada de cada uma, tão vivas que pareciam.

"Posso ajudar?"

Seu olhar voou para cima e encontrou um guarda olhando para ela com desdém. Ela se irritou com o tom dele.

"Sim você pode." Ela se afastou do leão. "Tenho um encontro marcado com o Rei Idris."

O guarda olhou para ela e começou a rir.

"Você?" Ele observou duvidosamente o rosto manchado de sujeira e a capa manchada de sangue. Elara cerrou a mandíbula. Com um suspiro, ela se ergueu em toda a sua altura, os ombros para trás enquanto abaixava o capuz. Ela lançou-lhe um olhar tão imperioso que ele hesitou, o sorriso desaparecendo de seu rosto. Mesmo com sujeira manchada e faminta, havia nela uma energia que exigia respeito. Seus lábios se estreitaram quando ela entregou a ele uma carta amassada, idêntica à que ela havia escrito na noite em que deixou Asteria. Ele leu rapidamente e, com um pedido de desculpas apressado, abriu os portões.

Ele caminhava em um ritmo tão apressado que ela teve que correr para acompanhá-lo enquanto desciam por um fresco corredor de mármore. Ela mal teve tempo de apreciar a beleza do palácio e grunhiu de frustração enquanto ele continuava a acelerar pelos corredores.

"Sua Majestade está na sala do trono", ele gritou por cima do ombro. "Ele estava esperando por você."

Ela ofegou em resposta enquanto tentava acompanhá-lo.

"Aqui." O guarda parou diante de um imponente conjunto de portas incrustadas com flores e trepadeiras douradas. Então, com um último olhar nervoso, ele abriu as portas.

Elara deu dois passos hesitantes e parou. A sala do trono era cavernosa. Afrescos pintados adornavam o teto e as paredes, imagens da história de Helios lindamente retratadas. Ela viu a infame batalha entre os antigos leões alados de Helios e os anjos de Sveta, bem como a descida de Leone – seu patrono, a Estrela da Luz. Seus olhos se estreitaram ao ver um mural dedicado à Guerra contra as Trevas, o Rei Idris de Hélios pintado como um grande salvador enquanto empurrava o exército Asteriano para trás com sua própria luz.

Apertando a mandíbula, ela desviou os olhos da arte, olhando para o resto da sala. No centro havia uma pequena piscina ladeada por flores cor de pêssego. Ela notou o cheiro também. Frangipani, exótico e doce. Então ela observou, no outro extremo da sala, o mesmo rei retratado no mural, sentado em seu trono. Uma figura estava sentada à sua direita, ligeiramente obscurecida por ele. Respirando fundo, Elara começou a andar, o som dos seus sapatos ecoando

no chão de mármore. Pareceu levar uma eternidade até que ela os alcançasse. Ela se ajoelhou, com os olhos no chão.

“Rei Idris,” ela disse, curvando-se. “Agradeço por aceitar esta reunião em tão pouco tempo.”

Ela se atreveu a olhar para cima e viu a figura imponente à sua frente. Sua pele era morena, suas narinas dilatadas no que parecia ser um sorriso de escárnio constante. Sua estrutura era a de um homem idoso; ela podia ver onde antes estavam os músculos, atarracados pelas batalhas infames nas quais ela tinha ouvido falar dele, mas foram substituídos por uma pança de gula. Seu cabelo preto estava penteado para trás revelando sobrancelhas oblíquas, mas foram seus olhos que deixaram rastros frios sobre ela. Eles eram dourados, mas pareciam cacos de vidro. Vazio, frio.

“Princesa Elara.” Ele acenou com a cabeça para ela, fazendo-lhe sinal para se levantar. Foi então que sua atenção se concentrou em um movimento. A figura ao lado dele se inclinou para frente à menção do título dela, o queixo apoiado indolentemente na mão. Ela sentiu um baque surdo quando fixou os olhos nos dele. Ele era tão bonito que por um momento sua mente congelou. Sua pele era mais escura que a do rei – um tom dourado de marrom. Sua mandíbula cortava seu rosto e seus planos duros eram acentuados com sobrancelhas pretas e cachos pretos que caíam sobre sua testa. Seu olhar se prendeu a uma pequena argola de ouro em sua orelha, brilhando nos raios Helion lançados através dos vitrais. Mas foram os olhos dele que a fizeram parar. Eles também eram dourados, mas o ouro quente das cachoeiras lá fora, e olhavam para ela como se ela fosse uma presa.

Eles combinavam com a coroa que ele usava na cabeça, e ela percebeu com um sobressalto para quem estava olhando. Ele deu um sorriso lento e faminto ao ver a compreensão surgir nos olhos dela. Príncipe Lourenço. O Leão de Hélios.

Com um piscar de olhos, ela desviou os olhos dele, as histórias e sussurros que tinha ouvido sobre ele agitando-se abaixo de sua superfície. Ela desejou a calma em suas veias e forçou seu foco novamente no Rei Idris, tentando ignorar o olhar penetrante do príncipe.

“Lamentamos saber do falecido rei e da rainha, princesa.” Elara engoliu o nó na garganta ao mencionar seus pais e se fortaleceu diante de suas condolências vazias. O reino de Helios não era conhecido por ser gentil e certamente não favoreceu os Asterianos ao longo da história, a Guerra contra as Trevas que eles travaram em seu reino só terminou há algumas décadas.

Ela evitou a frieza em sua observação e respondeu com os dentes cerrados. “Eu lhe agradeço, Rei Idris.”

Ele tocou a carta que ela havia enviado semanas atrás, folheando-a. “Você pediu refúgio aqui no meu reino. Eu concederei isso.” Seu coração acelerou.

“Obrigado, Sua Majestade, isso—”

“Em uma série de condições”, ele interrompeu. Ela parou. “Não é nenhum segredo que uma Estrela usurpou seu trono. A notícia se espalhou por toda parte agora. E estamos preocupados. Não apenas pelos rumores que ouvimos. O pessoal... — Ele fez uma pausa, procurando a palavra certa. “*Vingança* que ele tem contra você.” Ele deu um pequeno sorriso e o estômago de Elara gelou.

"Como você sabe?"

“A profecia foi divulgada quando Ariete desceu”, o rei interrompeu novamente com um aceno de mão. “Ele destruirá o mundo para encontrar você, Princesa Elara. É um grande risco para nós esconder você.”

Elara se forçou a sustentar o olhar dele, seus próprios olhos prateados pareciam gelo. “Presumo então que minha segurança tem um preço?” ela perguntou friamente. Ela percebeu outro movimento em seu olhar. O príncipe herdeiro mudou, seu sorriso se alargando ainda mais enquanto brincava com um anel no dedo.

O rei recostou-se no trono. “O que estou prestes a dizer seria considerado um sacrilégio para muitos. Confio que permanecerá nesta sala.” Elara assentiu com firmeza. “Eu não sou um homem religioso. E sigo as ordens das Estrelas por dever, não por amor ou adoração.”

Elara ergueu a sobrancelha ao ouvir as palavras ditas tão abertamente, que ecoavam seus próprios pensamentos. A terra de Celestia foi dividida, para dizer o mínimo. Havia aqueles que adoravam cegamente as Estrelas e aqueles que se ressentiam do seu governo. De qualquer forma, sua admissão... pessoas foram enforcadas por menos.

“Ariete é ganancioso e imprevisível. Afinal, ele é um deus da guerra e da ira. Temo que um reino não seja suficiente, mesmo que a razão pela qual ele o destruiu seja por sua causa.” Os punhos de Elara cerraram-se involuntariamente.

“Há rumores... reflexões”, ele acenou com as mãos habilmente no ar, “de que ele tem planos de voltar sua atenção para Helios em seguida.” O rei agarrou o braço do seu trono. “Isso não vai acontecer.” Elara olhou em silêncio.

“Eu sei”, disse ele, olhando para ela, “dos dons que você possui. Você possui os Três.”

Elara controlou o choque, e um estremecimento nos olhos foi a única traição. “Parece que você está fazendo sua pesquisa.”

“É meu trabalho saber. Sabemos que você é poderoso e sabemos que possui dons que aqueles em nosso reino não possuem.” Elara assentiu, pensando nas aulas de história. Assim como os Asterianos, era raro um Helion possuir todos os três dons.

“E voltando à sua pequena profecia.” Ele deu um sorriso de dentes muito brancos e afiados. “Uma garota que não pode ser morta por uma estrela sem que eles próprios pereçam.”

Apenas metade da profecia, Elara pensou consigo mesma, a contragosto.

“Então,” o Rei Idris a tirou de seus pensamentos, “nós lhe concederemos refúgio, aqui mesmo neste palácio, se você concordar em se tornar uma arma que você claramente deveria ser. Nós vamos ajudá-lo a treinar, para fortalecer suas habilidades de magia e combate. E então, quando, ou se, for necessário, você nos ajudará a lutar contra a Estrela e qualquer um que se junte a ele, defendendo Hélios e retomando seu legítimo trono em Asteria.

Elara ficou chocada com a proposta. O que Idris estava sugerindo era uma guerra total. Contra as estrelas. Deuses imortais. Ela não esperava que a conversa fosse assim, ou que os termos tivessem sido elaborados com tanto cuidado por ele. Ela não sabia o quanto ele havia superestimado seus poderes. Elara conhecia a profecia, é claro, as mesmas palavras que foram ditas há poucos meses, lembrando-a diariamente de seu destino. Mas talvez para ele ela parecesse invencível. Intocável para as estrelas. A oferta era o único caminho que ela tinha de volta à sua terra, ao seu povo

, ao seu direito de primogenitura. A única garantia de segurança. E a escuridão que tantas vezes falava com ela sorriu ao pensar em se vingar daquilo que havia tirado tudo dela.

Ela olhou para ele com determinação nos olhos enquanto dizia: “Concordo com estes termos, Sua Majestade, e obrigada”.

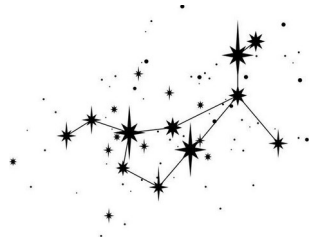
O sorriso de lobo que apareceu no rosto do rei a enervou.

“Maravilhoso”, disse ele. “Temos um quarto preparado só para você, fique à vontade para descansar e se refrescar. Haverá um jantar nos corredores esta noite. Merissa irá guiá-lo e cuidar para que você seja bem cuidado. Ele apontou para uma deslumbrante donzela de pele dourada com cachos cor de mel que havia saído das sombras da sala do trono. Elara curvou-se para Idris.

“E Elara? Você saberá mais do que ninguém que isso deve ser mantido o mais discreto possível. Muito poucos podem ser confiáveis para saber quem você realmente é e de onde você vem. Você não poderá treinar com os guardas habituais ou nas dependências do palácio, para que eles não vejam seus dons e percebam quem você é. Confiei o conhecimento a apenas alguns. Meu filho supervisionará seu treinamento.”

Seus olhos prateados voaram para os do príncipe e congelaram quando seu olhar escuro a penetrou, qualquer aparência de sorriso desapareceu. Ela levantou uma sobrancelha para ele.

“Muito bem,” ela respondeu calmamente e foi escoltada para fora da sala, o olhar dele queimando suas costas.



Capítulo três

ELARA PRENDEU A RESPIRAÇÃO ATÉ chegar às portas da sala do trono e então engasgou, absorvendo a sombra fresca ao seu redor.

Merissa virou-se assustada. “Você está bem, minha senhora?”

“Elara, por favor”, ela respondeu. “E sim, estou simplesmente sobrecarregado com a jornada.”

Merissa assentiu e continuou a conduzi-la escada acima. Elara olhou uma vez para as portas da sala do trono, com uma sensação sinistra de que este era o fim do seu mundo como ela o conhecia.

Ela engasgou ao entrar em seu quarto, seguindo Merissa. Seus aposentos em Asteria eram lindos, mas em Helios ela nunca sonhou que tal lugar existisse. O quarto era aberto, dois pilares de mármore ladeavam uma enorme cama de dossel e grandes portas entreabertas, permitindo que uma brisa quente soprasse suavemente de uma varanda. A varanda em si era grande o suficiente para acomodar um divã, com uma variedade de mantas e almofadas espalhadas e lamparinas a óleo ornamentadas penduradas nas paredes. Ela se esticou para inspecionar o teto, notando os mesmos afrescos que adornavam os outros que ela tinha visto antes. Tons de blush, pêssego e amarelo misturados, cores que ela raramente via em Asteria. Lá, a moda e as decorações eram em sua maioria azuis, lilases e pretas para imitar o céu crepuscular. Ela esfregou os olhos distraidamente. Realmente levaria algum tempo para se acostumar com esse brilho.

“Lindo, não é?” Merissa olhou para ela.

Elara sorriu, assentindo com cansaço. “É a coisa mais distante de Asteria que eu poderia ter pensado.”

Merissa segurou a mão dela e Elara ficou tensa, assustada. “Fiquei muito triste ao saber do falecimento de seus pais”, disse ela. “Meu pai era Asterian e sempre senti carinho pelo lugar.”

“Obrigado, Merissa. Estou exausto, para ser honesto.”

Merissa assentiu, seus olhos verdes suavizando. “Vamos levá-lo para um bom banho fresco e lavar a viagem de você.”

Se Elara ficou impressionada com os quartos, não estava preparada para o banheiro. A banheira, que mais parecia uma piscina, estava enterrada no chão. Ladrilhos pintados cobriam o

chão e eram quentes ao toque. O quarto cheirava a óleo de jasmim, um cheiro que lhe causou uma forte pontada de saudade. Árvores de jasmim cresceram do lado de fora de sua janela em Asteria.

“Acho que precisamos queimar essas roupas”, disse Merissa atrás dela, e Elara riu.

“Honestamente, incinere-os e faça um favor a nós dois.” Ela fez uma pausa enquanto Merissa olhava com expectativa. Era sempre estranho despir-se na frente de uma nova empregada, mas principalmente de uma empregada de um reino estrangeiro, de uma estranha. Merissa, sentindo seu constrangimento, fechou os olhos exageradamente.

“Minha senhora, eu já vi tudo isso antes. Mas se isso te deixa mais confortável, simplesmente deixe-os de lado.”

Elara sorriu para ela, já entusiasmada com sua personalidade, e tirou a roupa e entrou na água. Ela gemeu enquanto submergia sua pele suja na piscina transparente. A água estava fria e espumosa, com bolhas com cheiro de mel.

Merissa agachou-se ao lado dela. “Sabonetes estão colocados aqui para você, minha senhora.”

“Elara,” ela a corrigiu.

Merissa sorriu timidamente. “Elara. Essas poções são para lavar o cabelo, é um tônico para as axilas e também tem uma seleção de óleos para hidratar depois.”

Ela parou quando Elara lhe deu as costas para pegar um sabonete.

“Isso é lindo,” ela respirou.

Elara se virou, esticando o pescoço para olhar para suas costas. Uma representação elegante de um dragun estava tatuada em sua espinha, serpenteando em preto, suas escamas e asas entrelaçadas com fragmentos de prata.

“Obrigada”, ela sorriu. “Minha melhor amiga fez isso por mim.” Uma tristeza tomou conta dela ao pensar em Sofia.

“É adorável.” Merissa levantou-se. “Vou deixar você relaxar. Bata quando precisar de mim. Estarei no quarto.”

“Obrigada”, disse Elara, grata pelo tempo a sós. Assim que a porta se fechou, ela flutuou de costas, dando um suspiro de alívio. Como ela sonhara em ficar limpa novamente. Ela se levantou, desfazendo a trança suja de cabelo de ébano até que ela flutuou na água ao redor de sua cintura. Ela pegou um pouco de sabonete e começou a lavá-lo, a cada esfregada imaginando-o

limpando dela os horrores do último mês. *Deslize*, a memória do beco, apagada. *Deslizar*, manchando o chão de mármore com sangue, desapareceu. *Swipe*, seus gritos enchendo a sala enquanto uma risada fria respondia a ela, desaparecendo.

Ela fazia isso desde que era criança. Usando a água para limpá-la tanto mental quanto fisicamente. Estar perto da água sempre a acalmou. E assim, ela continuou, trabalhando até as pontas até sentir o rangido disso. Em seguida, ela abordou seu corpo. Sujeira e sujeira estavam endurecidas em sua pele, resultado de suas recentes viagens desafiadoras, com sangue incrustado sob as unhas do beco. Ela lutou contra o desconforto de ver aquilo e escolheu um sabonete de camomila, esfregando com ferocidade sob as unhas, nos pés, no corpo. Ela começou a ver sua pele brilhando através da lama e deu um suspiro de alívio. Finalmente, ela lavou o rosto, submergindo o corpo na água. Ela ficou ali embaixo por um minuto, dois, em paz com a batida constante de seu coração enchendo seus ouvidos.

E se você ficasse aqui ? Uma pequena voz no fundo de sua mente sussurrou. Ela veio à superfície ofegante e alarmada, engolindo em seco. Ela pegou a sensação, empurrando-a resolutamente para dentro de suas sombras. Ela precisava escapar da água suja e agarrou o roupão, saindo apressadamente da piscina funda.

“Merissa?” ela engasgou.

“Sim! Estou aqui. Passar por!”

Ela entrou em seu quarto, permitindo que Merissa a guiasse com firmeza na frente de um espelho. “O jantar é em meia hora. É melhor vestirmos você.

“Não trouxe nada de casa”, disse Elara calmamente.

Os olhos de Merissa suavizaram-se. “Isso não é para se preocupar. O rei fez questão de selecionar um guarda-roupa inteiro para você. Moda Helion também para não levantar suspeitas”, piscou.

Elara olhou para ela com dúvida, para o traje reduzido e fino que Merissa usava.

“E o que exatamente está na moda em Helios?”

Merissa riu. “Quase nenhuma roupa.” Ela olhou incisivamente para o manto de lã empilhado perto da porta. “Agora sente-se, temos que fazer algo com esse cabelo.” Ela o levantou entre dois dedos, os fios úmidos do banho. Um brilho rosado começou a brotar das pontas dos dedos, aquecendo o couro cabeludo de Elara. “Haverá muitas mudanças aqui, Elara. Vou ajudá-lo a manter o máximo possível da sua antiga vida. Então, como você costuma usar seu cabelo?”

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Heavenly Bodies (The Heavenly Bodies S..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).